

O *youtuber* como professor de história: diálogos entre história pública e história digital na educação de surdos¹

Youtuber as a Teacher of History: Dialogues between Public History and Digital History in Education of Deaf

Ernesto Padovani Netto*

RESUMO

Este artigo apresenta as reflexões e práticas para a construção de um produto pedagógico desenvolvido no mestrado profissional de ensino de história (Prof-História), no *campus* de Ananindeua, estado do Pará. Como parte da dissertação intitulada “Ensino para diferentes sujeitos: o acesso de alunos surdos às aulas de História”, foi criado o canal no YouTube e a página no Facebook “História em Libras”. Destacam-se aqui as reflexões teóricas no campo da História Pública e História Digital que nortearam a proposição do canal e as experiências vividas a partir da filmagem e veiculação da primeira videoaula.

Palavras-chave: História Pública; História Digital; História em Libras; YouTube.

ABSTRACT

This article presents the reflections and practices for the construction of a pedagogical product developed in the professional master of history teaching (Prof-História), in the campus of Ananindeua, State of Pará, Brazil. As part of the dissertation entitled “Teaching for Different Subjects: The Access of Deaf Students to History Classes”, a YouTube channel and a Facebook page named “História em Libras [Língua Brasileira de Sinais]”. The article highlights the theoretical reflections in the field of Public History and Digital History that guided the channel’s proposition and the experiences during the filming and publication of the first video class.

Keywords: Public History; Digital History; History in Libras; YouTube.

O desenvolvimento da internet durante o século XX possibilitou que milhões de pessoas em todo o mundo pudessem estar conectadas umas às outras através de uma teia cibernética que tornou possível o compartilhamento de informações em velocidade e abrangência inéditas na história da humanidade.

* Doutorando em História Social da Amazônia, Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, PA, Brasil. nettopd@hotmail.com

De acordo com Luiz Mauro Martino, até a década de 1990 os computadores pessoais eram inacessíveis à maioria da população, porém, a partir de 1995, de forma cada vez mais rápida, as mídias digitais e a internet passaram a fazer parte do cotidiano. Para além dos computadores, em um segundo momento espalhou-se também o uso de celulares *smartphones* e outros equipamentos que criaram um cotidiano no qual grande parte da população faz uso das chamadas mídias digitais, caracterizadas por aquele autor como um ciberespaço que potencializa a convergência de pessoas, produtos e serviços mediante uma *cultura participativa*. Qualquer indivíduo tem a potencialidade de se tornar um produtor de cultura, recriando-a ou produzindo conteúdos inéditos, aumentando o conhecimento produzido de maneira social e coletiva com base na interação entre usuários (Martino, 2015, p. 11-13).

Entre os 16 estudantes surdos que terminaram o Ensino Médio na Escola Estadual Luiz Nunes Direito (LND) em 2017, 12 possuem *smartphones* e são usuários do aplicativo de mensagens WhatsApp, 9 têm sinal de internet em suas residências, e todos possuem contas no Facebook.

Esses dados demonstram que o universo dos alunos surdos do Ensino Médio da escola LND não está apartado do que nos revelam as pesquisas sobre acesso a computadores, tablets e *smartphones*, nem à internet e, especialmente, às redes sociais no Brasil. De acordo com a Fundação Getúlio Vargas, em 2017 o país possuía 192 milhões de celulares inteligentes ativos, e 162,8 milhões de computadores (*notebooks, tablets, desktops*) em funcionamento.² Dados da empresa norte-americana eMarketer, que trabalha com pesquisas de tendências do mercado relacionadas a *marketing* digital, mídia e comércio, revelaram que em 2016 o Brasil possuía 93,2 milhões de usuários de redes sociais (com acesso de pelo menos uma vez ao mês), número que representa 77,8% de todas as pessoas que acessam a internet no país. Ou seja, entre os usuários da rede mundial de computadores, apenas 22,2% não possuíam redes sociais – e 95% das pessoas que fazem uso de redes sociais têm conta no Facebook.³ Segundo a empresa que gerencia o WhatsApp, o aplicativo contava com 120 milhões de usuários no Brasil em 2017.⁴

De acordo com uma pesquisa feita em 2016 pelo Centro de Estudos das Tecnologias da Informação e da Comunicação (Cetic) em 1.106 escolas públicas e particulares localizadas em áreas urbanas de todo o Brasil, 52% das escolas utilizam os *smartphones* em atividades pedagógicas. A pesquisa aponta ainda que

91% dos professores possuem celulares com acesso à internet, e 49% dos alunos do Ensino Médio (foram pesquisados apenas alunos do segundo ano do Ensino Médio) também possuem tais aparelhos. Nas escolas particulares, o acesso à informática está mais ligado ao espaço da sala de aula e à biblioteca, ao passo que nas escolas públicas prevalecem os laboratórios de informática, os quais existem em 81% das escolas pesquisadas, embora sejam de fato utilizados por 59% das escolas. Do total das escolas públicas, 95% declararam ter acesso à internet.⁵

A escola LND foi umas das pioneiras a contar com uma sala de informática no estado do Pará. Já em 1992, graças a um convênio entre a Secretaria de Estado de Educação (Seduc) e a empresa IBM-Brasil, foram construídos espaços informatizados em várias escolas, dentre as quais a LND. O Laboratório se manteve ativo por cerca de 13 anos, pois em 2005 a Seduc encerrou as atividades da sala de informática e transformou o espaço em uma Unidade Seduc na Escola (USE), ou seja, desativou um espaço pedagógico e inaugurou um espaço destinado a burocracia administrativa da Secretaria de Educação.⁶ Desde então a escola tem sinal de internet restrito às salas da direção e da secretaria – os alunos não têm acesso a internet fornecido pela escola. Quando algum professor opta por trabalhar com materiais oriundo da internet, como por exemplo com vídeos do YouTube, esses profissionais trazem os conteúdos de suas residências em *pen-drives* e solicitam à coordenação os projetores da escola.

Os dois professores de História que atuam no Ensino Médio da escola LND não costumam utilizar em suas aulas elementos oriundos da tecnologia digital, salvo durante apresentações de seminários pelos alunos. A ausência de internet nas salas de aula causa, a nosso ver, uma grande perda do ponto de vista pedagógico, pois a rede mundial de computadores permitiria acessar imagens, gráficos, tabelas, textos e músicas, por exemplo, fazendo *links* instantâneos com as próprias referências que os alunos pudessem citar no momento das aulas. Sem a internet, esses elementos poderiam ser levados para a sala de aula após planejamento prévio, trabalhados *off-line*, segundo um caminho traçado pelos professores, os quais iriam fornecer tais materiais e, ainda, solicitar à turma que trouxesse vídeos, *slides* etc. Mas esses elementos ligados ao universo das mídias digitais não estão presentes no cotidiano das aulas de História da escola LND.

O programa do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProffHistória) tem como exigência a apresentação de um produto de intervenção pedagógica,

o qual deve ser direcionado para o público da educação básica, estando esse produto diretamente relacionado com o texto apresentado na dissertação entregue ao fim do curso. Nesse sentido, uma das primeiras inquietações que me ocorreu foi: “como produzir algo que eu pudesse não apenas aplicar aos alunos surdos da escola LND, mas também disponibilizar para um número maior de alunos e professores?”. A resposta foi ganhando corpo quando cursei a disciplina História Pública, no primeiro semestre do mestrado, e durante conversas com amigos que atuam na área de produção audiovisual.

Criar um canal no YouTube onde podem ser disponibilizadas aulas em Libras (Língua Brasileira de Sinais), fazendo amplo uso de recursos imagéticos e acrescentando legenda em Língua Portuguesa, foi a solução encontrada para ensinar História, trazer para a sala de aula as mídias digitais que tanto interessam aos alunos, garantir acessibilidade aos surdos sem excluir os ouvintes e, ainda, produzir um recurso pedagógico que poderá alcançar um número incalculável de professores, alunos e interessados em geral que poderão acompanhar e utilizar o vídeo pela internet, ou mesmo *salvando-o* em outros dispositivos para uso sem internet.

Existem inúmeros canais no YouTube voltados ao Ensino de História, mas, em sua quase totalidade, trata-se de produções que reproduzem o modelo da aula expositiva, a câmera centralizada em um professor que explora os temas históricos com base na oralidade. Assim, julgamos ser necessário desenvolvermos um projeto diferenciado dos modelos já difundidos na internet e que pudesse garantir o acesso dos surdos às aulas de História.

Dessa forma, criou-se o canal História em Libras,⁷ modelo de canal destinado ao público surdo, contando com conteúdo exclusivo de História produzido por um professor da disciplina.

CANAL HISTÓRIA EM LIBRAS: AS REDES SOCIAIS E O TEMA DA VIDEOAULA

É possível encontrar canais no YouTube em Libras, mas normalmente tratam de temáticas religiosas ligadas à pregação da Bíblia para os surdos. São raros os vídeos que trabalham as disciplinas escolares. No caso de História, há alguns vídeos nos quais uma professora ouvinte ministra aula acompanhada de uma intérprete de Libras – é o caso de um vídeo do canal de “Ericler

Gutierrez” que apresenta um material com 12 minutos e 33 segundos intitulado “História do Brasil”. Trata-se de uma aula expositiva oral, acompanhada de intérprete, e que faz uso esporádico de imagens.⁸ Há também produções disponibilizadas pelo canal “Difundindo Libras”, onde o conteúdo é apresentado em Língua de Sinais. Utilizam-se algumas imagens e há legendas, mas o canal trabalha com várias temáticas, explorando desde o “corpo humano” (aula de ciências) até o ensino de Libras, sem que se indique a formação acadêmica de suas apresentadoras. Em relação ao Ensino de História, existem oito vídeos disponibilizados: dois tratam do Egito Antigo, dois de Revolução Russa, um de Primeira Guerra Mundial, e um que apresenta um glossário de termos históricos; há ainda um vídeo intitulado “Descobrimento do Brasil”, com cerca de 4 minutos,⁹ e outro chamado “Nobres e Servos: a vida na Europa Ocidental”, com cerca de 5 minutos.¹⁰ Existe também o canal “Institutophala”, onde há glossários de termos históricos e um vídeo também intitulado “Descobrimento do Brasil”, este com cerca de 3 minutos e meio de duração, sem uso de imagens nem legendas.¹¹

A temática sobre a ocupação portuguesa na América parece ser a temática que mais motivou a produção de videoaulas em Libras disponibilizadas no YouTube, pois há ainda no canal “Intérpretes de Libras educacional” mais uma produção intitulada “Descobrimento do Brasil”, com duração de 9 minutos e 40 segundos. Fazendo uso de algumas imagens, principalmente em formato de desenho animado, esse vídeo não utiliza legendas, e logo no início podemos ler a chamada: “Das Grandes Navegações ao Descobrimento do Brasil”.¹² São expressões ligadas às abordagens tradicionais do Ensino de História, onde as ações dos europeus são apresentadas como grandes feitos heroicos.¹³

Os conteúdos trabalhados no canal “História em Libras” são embasados em bibliografia acadêmica que pode ser consultada no próprio canal, e o próprio professor de História apresenta as videoaulas, as quais são ricas em material iconográfico e ministradas em Língua de Sinais com presença de legenda em Língua Portuguesa.

Além do canal no YouTube, decidimos criar uma página no Facebook, também chamada “História em Libras”. Em razão dos próprios dados já apresentados, essa rede social nos pareceu imprescindível para divulgação das aulas, assim como o compartilhamento dos vídeos pelo WhatsApp. Buscamos, assim, alcançar o maior número possível de visualizações. Dessa forma, a

página no Facebook e o WhatsApp não apresentam nenhum recurso metodológico específico; utilizam o mesmo material produzido para o YouTube, de modo que todas as redes sociais citadas são utilizadas no sentido do compartilhamento da aula produzida.

Figura 1 – Filmagem da primeira videoaula



Fonte: acervo pessoal.

Figura 2 – Logomarca do canal História em Libras



Fonte: acervo pessoal.

Definidas essas questões, surgiu uma nova inquietação: “com qual tema trabalhar na primeira videoaula?”. Não gostaríamos que fosse uma temática escolhida aleatoriamente, mas sim que dialogasse com todo o trabalho produzido na dissertação; que, fundamentalmente, refletisse as vivências dos alunos no espaço escolar e em sociedade, e ainda, que levasse os alunos a demonstrarem interesse em estudar. Sendo assim, a temática “movimentos sociais” praticamente se impôs, sendo a escolhida para inaugurar o canal.

A aula relacionou-se às reflexões propostas por Peter Burke: em seu livro *História e teoria social*, esse autor afirma que o termo “movimento social” começou a ser usado por sociólogos americanos na década de 1950, tendo em Eric Hobsbawm um dos primeiros historiadores a utilizar tal conceito na obra *Rebeldes primitivos*, de 1959. Burke chama a atenção para o cuidado com a generalidade do conceito, o qual pode abarcar desde um tumulto de algumas horas até a ação de organizações permanentes. Para efeito deste trabalho, penso os movimentos sociais surdos a partir do conceito de “mobilização”, o qual Peter Burke demonstra ter como um de seus pontos chave a criação de organizações, observando que lugares com maior “cultura de associações” têm mais chances de gerar movimentos sociais bem-sucedidos (Burke, 2012, p. 142-145).

O primeiro capítulo da dissertação de mestrado tratou dos movimentos sociais surdos, da consciência histórica e das conquistas de direitos, pelo fato de nos últimos anos os movimentos sociais terem tido papel ativo na sociedade brasileira. A própria escola Luiz Nunes Direito foi ocupada parcialmente por alunos em 2016, inclusive a sala da USE, o que nos levou à opção por trabalhar com esse assunto no vídeo a ser produzido. É importante destacarmos que, em que pese os surdos não terem participado ativamente da ocupação da escola, eles vivenciaram toda a mobilização e os debates, e perceberam que os acontecimentos na escola em que estudavam estavam em consonância com o que ocorria em várias outras escolas pelo Brasil. Foi possível, assim, conectarmos a História local com os acontecimentos nacionais, dentro de uma lógica de complementaridade entre essas diferentes escalas.

Uma importante estratégia no sentido de dar visibilidade aos diferentes grupos de sujeitos da sociedade é a valorização de uma História local, capaz de pensar um espaço de identidade mais específico e que dá luz aos esquecidos pela História, como nos diz Maria A. Schmidt:

Esse trabalho pode também facilitar a construção de problematizações, a apreensão de várias histórias lidas a partir de distintos sujeitos históricos, das histórias silenciadas, histórias que não tiveram acesso à História. Ela favorece recuperar a vivência pessoal e coletiva dos alunos e vê-los como participantes da realidade histórica, a qual deve ser analisada e retrabalhada, com o objetivo de convertê-la em conhecimento histórico, em autoconhecimento. (Schmidt, 2007, p. 191)

Historiar um espaço tão específico como as práticas de ensino em uma escola já se configura como um exercício de fazer História local, pois vincula a História do cotidiano às práticas das pessoas comuns, as quais costumavam passar despercebidas pelos historiadores.

Márcia Gonçalves destaca que:

A história, como conceito polissêmico, remete a dois grandes sentidos, quais sejam, a história como experiência, a história como conhecimento. [...] A história local é, em intrínseca complementaridade, conjunto de experiências de sujeitos em um lugar e, também, conhecimento sobre o conjunto dessas experiências. (Gonçalves, 2007, p. 177)

Sendo assim, as vivências dos alunos dentro da escola passam a ser realizadas, havendo um ganho de conhecimento histórico acerca das relações sociais estabelecidas no espaço escolar. Além disso, preocupei-me em dar protagonismo aos alunos, motivo pelo qual entrevistei quatro estudantes surdos da escola LND no ano letivo de 2017. Perguntei, por exemplo: “O que você gostaria de estudar nas aulas de História?”. Três não souberam responder, ficaram pensativos diante da pergunta, como se não concebessem o ensino de História para além dos assuntos e formas convencionais, aos quais estão acostumados, como se não pudessem apontar outros temas – a própria História dos surdos, por exemplo.

Apenas um dos alunos, do segundo ano do Ensino Médio, forneceu uma resposta concreta: “Eu gosto de estudar lutas sociais, política, greves contra o governo”. Apesar de o aluno não ter respondido o que gostaria de estudar, no sentido de um assunto que normalmente não seja contemplado no currículo adotado pelos professores, ele nos disse o que gosta de estudar, o que o atrai dentro do conhecimento histórico. Essa resposta fortaleceu ainda mais a escolha por abordarmos o tema “movimentos sociais” na aula produzida.

Tendo definido a proposta de produto e o tema da aula, tornou-se impositivo refletir acerca do caráter de História Pública que o projeto apresenta, em direto diálogo com o que vem sendo chamado de História Digital. Utiliza-se a internet para veiculação do conhecimento histórico para um público maior, para além do universo acadêmico, o qual tem demonstrado grande interesse em consumir produções com temas históricos que apresentem uma linguagem mais acessível, seja através de livros, revistas, novelas, filmes, séries, documentários, *blogs* ou canais no YouTube, dentre outros.

UMA PERSPECTIVA DE HISTÓRIA PÚBLICA E SEU DIÁLOGO COM A HISTÓRIA DIGITAL

Não é de hoje que os seres humanos registram a História. Desde as pinturas rupestres, passando pelos primeiros registros escritos de várias civilizações, como a egípcia e a mesopotâmia, temos tido a necessidade de perenizar as diferentes vivências humanas, nos mais diversos contextos ao redor do mundo. Se o registro, por si só, é uma forma de preservação, com o tempo a humanidade passou a se preocupar não apenas com o conhecimento em si, mas com

as possibilidades de divulgá-lo. Sendo assim, nos últimos séculos, a invenção de Gutenberg tem sido soberana na propagação do conhecimento histórico, fundamentalmente pela produção de livros, os quais muitas vezes derivam de sérias pesquisas produzidas no interior da academia, feitas por rigorosos historiadores comprometidos com a erudição que seus objetos de pesquisa exigem, e ainda, imbuídos com o objetivo de dialogar apenas com seus pares.

Ana Maria Mauad e Fernando Dumas estabelecem uma crítica justamente ao que chamam de imperialismo da escrita (Mauad; Dumas, 2011, p. 82), chamando a atenção para o fato de que os historiadores necessitam incorporar novas possibilidades em seus ofícios:

O desafio que se coloca à oficina da história na incorporação de fontes orais e visuais é o de, justamente, abrir espaço para incorporar a visualidade, a oralidade e a sonoridade como substâncias expressivas importantes para se compreender o passado. Nesse sentido, as estratégias de elaboração dessa nova modalidade de escrita da história se propõem a criação de uma linguagem audiovisual que incorpore os principais elementos definidores da historiografia acadêmica. (Mauad; Dumas, 2011, p. 86)

Nesse sentido, assim como a imprensa criada por Gutenberg revolucionou as maneiras de registro e divulgação do conhecimento, nas últimas décadas estamos diante de um fenômeno de grandeza talvez ainda imensurável, que é a internet e seu variado leque de mídias digitais. A velocidade com que as informações podem ser acessadas e o alcance mundial – tanto em relação ao encurtamento das distâncias como em número de pessoas usuárias – transformam a internet em uma ferramenta única para quem se preocupa em produzir e divulgar História. Atualmente podemos falar até mesmo em produções de “textos videográficos”, expressão que aponta para a superação dos debates sobre documentários cinematográficos e o avanço no sentido de divulgar o trabalho historiográfico, acadêmico, em um suporte alternativo ao papel e com linguagem atualizada (Mauad; Dumas, 2011, p. 91).

Se por um lado as mídias digitais potencializaram as possibilidades dos historiadores, muitos deles cada vez mais interessados em falar não apenas para o universo intramuros da academia, por outro criou as condições necessárias para que qualquer pessoa interessada em História, com acesso à rede mundial de computadores e com conhecimento básico de suas ferramentas,

possa produzir e disponibilizar sua leitura de eventos históricos, sem a necessidade de se preocupar com os rigores da universidade. Neste momento nos parece que a História fugiu do domínio exclusivo do historiador, pois cada vez mais jornalistas, cineastas e leigos que possuem *blogs*, canais no YouTube, páginas no Facebook etc., passando a ter a atenção do grande público e criando, assim, consciências históricas por vezes difusas, sem a base de pesquisa necessária ou, o que é ainda mais preocupante, forjadas no campo da ficção.

A esse fenômeno de divulgação do conhecimento histórico temos chamado de História Pública, a qual o historiador Ricardo Santhiago conceitua como o conjunto de ações que o profissional da História ou de áreas correlatas, desde que trabalhando conscientemente com História e memória, emprega para difundir seus trabalhos entre um público não acadêmico mais amplo (Santhiago, 2011, p. 97). Essa História Pública dialoga intimamente com a chamada História Digital, e, apesar de não ser uma relação indissociável, as duas tendem a caminhar juntas. A constituição desses dois campos por parte dos historiadores nos parece um claro avanço no sentido de que os profissionais da academia não devem prescindir das possibilidades advindas com os usos da internet, os quais estarão presentes nessa “guerra” de narrativas em relação à História. Os historiadores devem estar convencidos de que necessitam utilizar uma linguagem menos rebuscada, porém sem perder o rigor de suas pesquisas.

Dessa forma, as historiadoras Juniele Rabêlo e Marta Gouveia nos dizem que a História Pública é uma possibilidade não apenas de conservar e divulgar a História, mas de construir um conhecimento pluridisciplinar atento aos processos sociais, às suas demandas e tensões. Em um esforço colaborativo, ela pode valorizar o passado para além da academia; pode democratizar a História sem perder a seriedade ou o poder de análise (Almeida; Rovai, 2011, p. 7).

A pluridisciplinaridade e a democratização do conhecimento histórico nos parecem elementos que caminham de forma intrínseca com a prática de fazer História Pública, pois o historiador precisará dialogar com muitas outras áreas para gerar seu produto de divulgação – fundamentalmente com profissionais que atuam na construção de audiovisuais e outros da área de informática –, no esforço de alcançar o maior público possível, o que garantirá seu caráter mais democrático.

Allan S. Newell chega a organizar de forma sistemática as características de um historiador público. Enumerando cinco questões que o diferenciam do

historiador tradicional, Newell baseia suas observações nestas situações: 1) A experimentação de novas fontes e novas abordagens; 2) A comunicação com vários públicos; 3) O trabalho em equipe; 4) Os vários meios empregados para difundir o conhecimento; 5) O não confinamento temático de suas pesquisas e experimentações (Newell apud Lucchesi; Carvalho, 2016, p. 151).

Outra característica da História Pública, a qual também pode ser pensada a partir da gravação e divulgação de registros orais, da exposição de fotografias e do acervo de museus, dentre outras possibilidades, é a preocupação em interferir na consciência histórica do presente, tornando o passado um elemento capaz de surgir nas ações de grupos sociais no tempo presente, humanizando assim a História e aproximando-a da vida das pessoas.

É nesse sentido que o canal História em Libras, com sua primeira aula sobre movimentos sociais, busca se afinar com o que se apresenta neste item, pois trata-se de uma produção que abrangeu, nesse primeiro momento, profissionais de pelo menos três áreas distintas: História, audiovisuais e linguística. Aproximou os alunos da ideia do que vêm a ser movimentos sociais, pois além de o tema ter sido trabalhado em uma perspectiva que se direciona ao passado, com a greve de 1917, as greves do ABC paulista entre 1970 e 1980 e a resistência à ditadura militar com o movimento “Diretas já!”, tivemos a preocupação de discutir as reivindicações sociais atuais que lutam por reforma agrária, por moradia, pelos direitos de mulheres, negros e homossexuais, dando ênfase para o movimento estudantil que ocupou várias escolas no Brasil em 2015, em particular a escola Luiz Nunes Direito no ano de 2016. Destacamos, ainda, os movimentos sociais surdos que em 2011 ocuparam a Esplanada dos Ministérios, em Brasília.

A possibilidade de se produzir pesquisa – como a que deu origem ao canal História em Libras – a partir de fontes presentes na internet, e ainda usá-la como principal forma de divulgação do conhecimento produzido, revela uma clara transformação no modelo tradicional de se fazer pesquisa em História. Não que a rede mundial de computadores deva suplantar a investigação em arquivos públicos ou bibliotecas, mas o crescimento da chamada História Digital demonstra que os historiadores estão atentos às novas tecnologias e às possibilidades que elas lhes oferecem.

Para Willian G. Thomas, a História Digital é uma abordagem para examinar e representar o passado empregando as novas tecnologias da comunicação, tais como o computador, a internet e *softwares*. Diz ainda esse autor que

a História Digital é uma arena aberta de produção acadêmica e de comunicação, abrangendo o desenvolvimento de novos materiais e coleções de dados acadêmicos (Thomas apud Lucchesi; Carvalho, 2016, p. 152). De fato, a internet conta, atualmente, com um vasto acervo de dados que podem e devem ser utilizados pelos historiadores. Existem *sites* com grande número de documentos digitalizados, bibliotecas e museus digitais, órgãos governamentais e não governamentais que disponibilizam os resultados das pesquisas em suas páginas *online*. Basta verificarmos o grande número de *sites* citados em trabalhos acadêmicos para observarmos que a internet tem sido amplamente explorada pelos pesquisadores. Contudo, a História Digital não está restrita ao uso de fontes digitais, pois as possibilidades do universo digital permitem que os profissionais da História efetivem projetos de divulgação do conhecimento histórico em *blogs*, *podcasts* e, principalmente, nas redes sociais, garantindo assim não apenas a difusão de seus saberes, mas também uma grande interação com o público que acessa os conteúdos.

REPERCUSSÃO DA VIDEOAULA NAS MÍDIAS DIGITAIS

Uma preocupação que tivemos em relação ao formato adotado para a produção do vídeo é que, sendo esse um produto voltado às redes sociais – principalmente ao público da educação básica, ainda que esteja disponível para todos os interessados –, entendemos que seria necessário dialogar com modelos de produções audiovisuais que costumam despertar interesse em um público que aprecia efeitos de edição e vídeos de curta duração. Isso aumentou o desafio de produzirmos um debate com bom nível acadêmico, mas que não se afastasse da linguagem audiovisual apreciada pelo público característico das redes sociais. A videoaula intitulada “Introdução às lutas e movimentos sociais” dura 11 minutos e 36 segundos, considerado curto em comparação com uma aula tradicional no espaço escolar – onde uma hora-aula costuma ter cerca de 50 minutos –, mas tido até como longo para o espaço da internet.

O roteiro foi pensado para dar um panorama das lutas dos trabalhadores e demais grupos sociais no Brasil. O sinal de “movimento” não daria conta do sentido associado à expressão “movimento social”, pois aquele sinal daria a compreensão de algo ou alguém que está se movimentando. Por isso optamos por utilizar a expressão “luta” na tradução para a Língua de Sinais.

A narrativa perpassa desde a greve geral de 1917 até as greves do chamado ABC paulista entre 1978 e 1980, chegando ao movimento “Diretas Já!”, que contestou a ditadura militar durante a década de 1980, até a pluralidade de lutas sociais que caracterizam a contemporaneidade, como as manifestações de mulheres, negros, estudantes, grupos LGBTIs (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros e intersexuais), Sem Terras, Sem Tetos e, também, os surdos.

A videoaula foi disponibilizada nas redes sociais no dia 22 de abril de 2018, tanto no Facebook e no YouTube como no WhatsApp. Utilizamos a estratégia de postar o vídeo sem o uso de legendas, e ele assim permaneceu por um dia. Nossa intenção era perceber a reação de surdos e ouvintes ao depararem com uma aula na qual os ouvintes não conhecedores da Libras certamente se sentiriam excluídos.¹⁴ Além disso, criamos um *link* disponibilizando o áudio da aula para possibilitarmos o acesso de deficientes visuais ao conteúdo postado no YouTube.¹⁵

Apresentarei, a seguir, alguns números relacionados às respostas provenientes das pessoas que tiveram contato com a videoaula na internet. Todos os dados aqui disponibilizados foram coletados no dia 20 de junho de 2018, e podem apresentar variações, caso consultados após essa data.

No dia da postagem do vídeo, o canal História em Libras contava com cinco inscritos no YouTube. Atualmente (dia 2 de dezembro de 2018 para efeito deste artigo) conta com 82 inscritos, a videoaula foi acessada por 1.533 internautas, 11 pessoas deixaram comentários, 101 indicaram ter gostado do vídeo e uma indicou que não gostou – uma vez que o YouTube conta com uma ferramenta chamada “gostei”/“não gostei”, representada por um polegar direcionado para cima ou para baixo, respectivamente.

Já a página História em Libras no Facebook contava com 125 seguidores, anteriormente à disponibilização da aula. Atualmente reúne 237 seguidores, o que não significa que todos sejam notificados sobre a postagem do vídeo, uma vez que o Facebook limita o alcance a determinado número de seguidores, propondo sempre que o proprietário de uma página pague à empresa um valor em torno de 3 reais para aumentar o número de usuários da rede social que entrarão em contato com a publicação – trata-se da ferramenta “impulsionar publicação”, a qual não foi utilizada neste trabalho. A publicação foi compartilhada por 65 internautas, e o conteúdo foi acessado por 2.078 pessoas,

recebendo 23 “curtidas”, uma vez que o Facebook disponibiliza um botão chamado “curtir”, onde os usuários da rede social podem demonstrar que gostaram de determinado conteúdo veiculado. Houve ainda seis comentários na publicação original.

Em minha conta pessoal no Facebook, “Netto Padovani”,¹⁶ foram feitas duas postagens do vídeo, a primeira sem legenda no dia 22 de abril de 2018, a qual obteve 19 compartilhamentos e 73 “curtidas”, além de 21 comentários, e a segunda feita já com a legenda disponível – esta obteve 43 “curtidas”, cinco compartilhamentos e sete comentários.

Demonstrarei a partir de agora a repercussão que a videoaula obteve em outros espaços na internet, como *sites* e instituições que promoveram a divulgação de nosso trabalho. Em seguida irei pontuar alguns comentários de internautas para avaliar a recepção do vídeo.

No dia 24 de abril de 2018 o *site* “Mídia Ninja”, seguido por cerca de um milhão e 700 mil internautas em sua página no Facebook, fez uma matéria sobre o canal História em Libras, destacando o tema apresentado e a possibilidade de maior inclusão política para a população brasileira, disponibilizando-o em seu *site* e sua conta no Facebook.¹⁷

Figura 3 – Matéria da página Mídia Ninja



Fonte: acervo pessoal.

A publicação alcançou os seguintes números no Facebook: 1.036 “curtidas”, 236 compartilhamentos e 45 comentários. Em minha conta no Facebook

compartilhei a postagem da Mídia Ninja, a qual obteve 57 “curtidas”, 10 compartilhamentos e 11 comentários.¹⁸

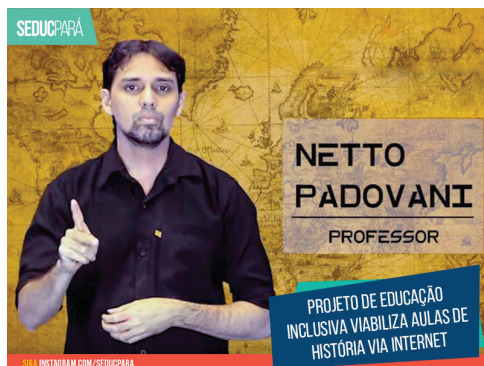
Em 30 de abril de 2018 a Seduc publicou em seu *site* uma matéria produzida a partir de uma entrevista proposta pela assessoria de comunicação do órgão, na qual prestei esclarecimentos sobre o canal História em Libras. Ganhou destaque ao fato de o projeto ter surgido de um curso no Programa de Pós-Graduação:

Idealizado pelo professor Ernesto Padovani Netto, o projeto foi criado a partir da sua dissertação de mestrado. Intitulada “Ensino para diferentes sujeitos: o acesso de alunos surdos às aulas de História”, o programa de ensino sugere a produção de um recurso pedagógico.¹⁹

No dia 1º de maio de 2018 a mesma matéria produzida pela Seduc foi divulgada no *site* “Agência Pará”.²⁰

No dia 1º de maio de 2018 a Seduc também publicou uma chamada sobre o canal História em Libras na sua conta no Facebook, disponibilizando o *link* para acessar a matéria hospedada no *site* “Agência Pará”. A postagem obteve 39 “curtidas”, 14 compartilhamentos e sete comentários.

Figura 4 – Imagem postada pela Seduc em sua conta no Facebook²¹



Fonte: acervo pessoal.

Comentei em minha conta pessoal no Facebook a matéria feita pela Seduc em seu *site* e a postagem feita na conta da Secretaria no Facebook, ambas em 1º de maio de 2018. Meu comentário sobre a matéria no *site* da Seduc ganhou

118 “curtidas”, oito compartilhamentos e dez comentários, ao passo que a postagem compartilhada da conta da Seduc no Facebook teve 69 curtidas, três compartilhamentos e quatro comentários.²²

Outro espaço que obtive para divulgação do canal História em Libras foi a Rádio Web da Universidade Federal do Pará (UFPA), a qual me convidou para compor uma mesa de debate sobre a educação de surdos no programa “UFPA Ensino”. O programa foi gravado no dia 2 de maio de 2018 e veiculado pela rádio no dia 16 do mesmo mês. Compuseram a mesa de debate: o autor da dissertação e idealizador do canal História em Libras; Ohana Matias, que atuou no assessoramento linguístico para a videoaula; e o professor Silvio Santiago, que também desenvolve atividades junto à comunidade surda. O programa foi apresentado por Fabrício Queiroz. Nessa oportunidade eu pude explicar o surgimento do canal, sua relação com o Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), suas conexões com a chamada História Pública e sua importância para a educação de surdos.

Essa repercussão, sobretudo nas mídias digitais, possibilitou a manifestação de várias pessoas – surdos e ouvintes –, as quais apresentaram suas impressões sobre a videoaula produzida. Destacarei aqui alguns comentários postados no YouTube e no Facebook:

Helton Jones Rocha comentou em 22 de abril de 2018:

Parabéns pelo projeto meu amigo. Essa aula sem legenda me fez pensar em como o surdo deve se sentir em uma sala de aula de “ouvintes”. Incluir os surdos em um ambiente em que nada os favorece não é inclusão. É necessária formação.²³

Marcelo Junior Nunes comentou em 22 de abril de 2018:

Meu *brother*, pude sentir um pouco do que os surdos devem sentir, quando assistem uma aula sem a tradução em Libras. A gente fica tentando entender, mas não é fácil.²⁴

Jean Schuambach escreveu em 26 de abril de 2018:

Parabéns pelo projeto! Cheguei aqui por conta da matéria na Mídia Ninja. Espero que vocês cresçam cada vez mais. Adorei a ideia de colocar o vídeo sem legenda e depois disso as legendas. Dá oportunidade para quem é ouvinte sentir um pouco como é estar em uma sala sem ter ideia do que está sendo falado.²⁵

O professor Marco Antônio Soares escreveu:

Trabalho fantástico. Nunca tinha conseguido entender os que os meus alunos surdos sentem nas minhas aulas. Até agora! Achei o trabalho muito interessante mesmo. Recordei a primeira vez que entrei em uma sala com alunos surdos. Duas moças, em um dado momento da aula (quando eu estava mais empolgado), deram as costas para mim e começaram a conversar entre si. Lembro que na hora eu fiquei um pouco irritado. Depois, conversando com a professora da educação especial, ela disse: “mas é claro, se elas não estão entendendo nada da aula a tendência é ignorar”. Aquilo me marcou. Hoje, mesmo não entendendo patavinas de libras, faço tudo ao meu alcance para dar o máximo de suporte para os meus alunos surdos. Mesmo assim, às vezes ainda é angustiante para mim.²⁶

Nesses comentários podemos observar o estranhamento que ouvintes não conhecedores da Libras demonstraram ao assistir ao vídeo sem legendas, e a reflexão gerada com a experiência, uma vez que os quatro comentários selecionados apontam para o exercício de se colocar no lugar do outro, se enxergar na condição do surdo que não compreende as aulas em razão das barreiras linguísticas.

A professora Patrícia Costa publicou em sua conta no Facebook, em 28 de abril de 2018, uma postagem sobre o canal História em Libras, onde além do exercício de alteridade, destacou que a videoaula despertou seu desejo para que aprenda Língua de Sinais. Apontou que é responsabilidade dos educadores buscarem o aprendizado da Libras, e valorizou o caráter combativo dessa produção:

Fiz a experiência de assistir às duas versões do vídeo, sem e com legenda, a primeira pela metade, e a outra até o final. O que me fez sentir como seria o mundo “sem áudio”. Desejo que tua dissertação dê muitos frutos, que outros professores, não apenas de História, se sensibilizem para essa realidade. Eu mesma já gostaria muito de poder aprender a Libras. Acho que isso deve ser uma responsabilidade nossa! Uma LUTA nossa, como educadores. Parabéns pelo trabalho lindo e de LUTA!²⁷

Muitos surdos também se posicionaram sobre a videoaula:

Micaela Mello, em 24 de abril de 2018 no Facebook: “Caramba... desculpa por falar. Gostei disso!!! Parabéns, professor muito sucesso!!! Continue assim, saber por que os surdos precisam saber o que aconteceu na história... agora você sabe

Libras como você é intérprete, aproveitar para mostrar história em libras. Mais uma vez, meus parabéns! Fiquei admirada. Vou compartilhar!²⁸

Ryan Henrique, em 24 de abril de 2018: “Muito *boa ideia*”²⁹

Javan Moraes, em 24 de abril de 2018: “Parabéns excelente professor, tive a honra de ser seu aluno no Astério de Campos excelente professor!!! Isso sim é inclusão”³⁰

De maneira geral os comentários dos surdos acerca do Canal História em Libras e da videoaula disponibilizada foram elogiosos, e alguns demonstram reflexão em torno da necessidade de proporcionar o acesso das pessoas surdas às informações. Micaela Mello destaca que os surdos precisam saber o que aconteceu na História – provavelmente foi a maneira que ela encontrou para expressar que os surdos precisam ter acesso aos conhecimentos históricos. Javan Moraes enfatiza o caráter inclusivo do projeto, que, por fim, se aproxima da ideia de proporcionar acesso aos saberes escolares para as pessoas surdas.

A videoaula foi disponibilizada no dia 22 de abril de 2018, um domingo. Quando retornei na segunda-feira para as atividades profissionais na escola Astério de Campos, recebi inúmeras manifestações de carinho por parte dos alunos, os quais demonstraram que a possibilidade de construção de conhecimento histórico por meio da experiência de um canal no YouTube ou de uma página no Facebook é real e pode ser um caminho no sentido de possibilitar o acesso de pessoas surdas aos saberes históricos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas últimas décadas temos percebido o alargamento do campo historiográfico. Podemos destacar o crescente número de novos métodos, novas abordagens e, principalmente, de novos sujeitos. Desta forma, a existência de trabalhos acadêmicos na área de História que abordem sujeitos surdos representa a democratização desse campo do saber, uma vez que as pessoas surdas têm História e necessitam acessá-la por meio de modelos de acessibilidade linguística que os contemplem. A isso a academia tem chamado de “dever de História”, ou mesmo, “função social da História”.

O tema trabalhado na primeira aula disponibilizada foi “Movimentos Sociais”, onde fiz questão de destacar também os movimentos sociais surdos

em busca da oficialização da Língua de Sinais como primeira língua dos surdos no Brasil, assim como voltados à implantação de escolas bilíngues. Por hora, busquei discutir a importância das ferramentas digitais para a educação e o diálogo com o campo da História, a qual tem voltado seus estudos cada vez mais para reflexões em torno do ensino da disciplina. Mais do que produzir textos sobre a importância do uso das novas tecnologias no ensino – o que já virou lugar comum –, são fundamentais os trabalhos que discutam a implementação de propostas efetivas de seu uso.

A primeira videoaula produzida obteve grande aceitação por parte da comunidade surda, além de ter sido amplamente divulgada por outros espaços da internet, como o *site* e as contas nas redes sociais da Seduc/Pará, o *site* e a conta no Facebook da Mídia Ninja. Gerou, ainda, inúmeros convites para divulgar o trabalho em palestras, eventos acadêmicos e programas de rádio. Assim, meu próximo passo em uma futura publicação será destacar como se deu a experiência de divulgação da videoaula nas plataformas digitais em que hospedei o projeto História em Libras e a repercussão nas mídias digitais, enfatizando sua aplicação em sala de aula e os debates que se deram com base no conteúdo apresentado, buscando analisar as diferentes reações tanto no espaço formal da escola como nos comentários postados nas redes sociais, estas caracterizadas como um espaço não formal de ensino.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Juniele R. de; ROVAI, Marta Gouveia de O. Apresentação. In: ALMEIDA, Juniele R. de; ROVAI, Marta Gouveia de O. (org.). *Introdução à História Pública*. São Paulo: Letra e voz, 2011.
- BURKE, Peter. *História e teoria social*. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2012.
- GONÇALVES, Márcia de A. História local: o reconhecimento da identidade pelo caminho da insignificância. In: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO; Arlette M.; MAGALHÃES, Marcelo de S. (org.). *Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2007.
- LUCCHESI, Anita; CARVALHO, Bruno Leal P. de. História digital: Reflexões, experiências e perspectivas. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele R. de; SANTHIAGO, Ricardo (org.). *História Pública no Brasil*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. *Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes, redes*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

- MAUAD, Ana M.; DUMAS, Fernando. Fontes orais e visuais na pesquisa histórica: novos métodos e possibilidades narrativas. In: ALMEIDA, Juniele R. de; ROVAI, Marta Gouveia de O. (org.). *Introdução à História Pública*. São Paulo: Letra e voz, 2011.
- SANTHIAGO, Ricardo. Palavras no tempo e no espaço: a gravação e o texto de história oral. In: ALMEIDA, Juniele R. de; ROVAI, Marta Gouveia de O. (org.). *Introdução à História Pública*. São Paulo: Letra e voz, 2011.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora. O Ensino da História local e os desafios da formação da consciência histórica. In: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette M.; MAGALHÃES, Marcelo de S. (org.). *Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2007.

Sites

- <http://link.estadao.com.br/noticias/gadget,ate-o-fim-de-2017-brasil-tera-um-smar-tphon-por-habitante-diz-pesquisa-da-fgv,70001744407>. Acesso em: 30 dez. 2017.
- <https://canaltech.com.br/redes-sociais/brasil-e-o-pais-que-mais-usa-redes-sociais-na-america-latina-70313/>. Acesso em: 30 dez. 2017.
- <http://link.estadao.com.br/noticias/empresas,whatsapp-chega-a-120-milhoes-de-usu-arios-no-brasil,70001817647>. Acesso em: 19 jan. 2018.
- <https://g1.globo.com/educacao/noticia/52-das-instituicoes-de-educacao-basica-usam-celular-em-atividades-escolares-aponta-estudo-da-cetic.ghtml>. Acesso em: 30 dez. 2017.
- <https://www.youtube.com/user/rods32>. Acesso em: 31 dez. 2017.
- <https://www.youtube.com/watch?v=8Kvb9k4Vm4U&t=199s>. Acesso em: 31 dez. 2017.
- <https://www.youtube.com/watch?v=UqMCI4HJg6k>. Acesso em: 30 dez. 2017.
- <https://www.youtube.com/watch?v=YlhsMMldrrI&t=101s>. Acesso em: 30 dez. 2017.
- <https://www.youtube.com/watch?v=fBjx-kW-uJc>. Acesso em: 30 dez. 2017.
- https://www.youtube.com/watch?v=8fqz_dtPPtw. Acesso em: 30 dez. 2017.
- <https://www.youtube.com/channel/UCwtNyZ8vhEPcKaVEEq8DvQA>. Acesso em: 21 mar. 2018.
- <https://www.youtube.com/watch?v=hblql8829Ec&t=298s>. Acesso em: 13 jul. 2018.

NOTAS

¹ O presente texto é parte de uma pesquisa mais ampla, intitulada “Ensino para diferentes sujeitos: o acesso de alunos surdos às aulas de História”, desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), polo Pará, *campus* de Ananindeua, a qual acompanhou alunos surdos que cursaram o Ensino Médio em uma escola inclusiva, no caso,

a Escola Estadual Luiz Nunes Direito (LND), fundada em 1980 no bairro do Coqueiro, no conjunto habitacional Cidade Nova IV, na cidade de Ananindeua (PA), município pertencente à região metropolitana de Belém, pelo então governador tenente-coronel Alacid da Silva Nunes. A escola é amplamente procurada por pais de filhos especiais. A referida pesquisa contou com apoio financeiro da Capes, instituição da qual recebi uma bolsa de pesquisa durante o mestrado.

² Dados disponíveis em: <http://link.estadao.com.br/noticias/gadget,ate-o-fim-de-2017-brasil-tera-um-smartphone-por-habitante-diz-pesquisa-da-fgv,70001744407>. Acesso em: 30 dez. 2017.

³ Dados disponíveis em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/brasil-e-o-pais-que-mais-usa-redes-sociais-na-america-latina-70313/>. Acesso em: 30 dez. 2017.

⁴ Dados disponíveis em: <http://link.estadao.com.br/noticias/empresas,whatsapp-chega-a-12-milhoes-de-usuarios-no-brasil,70001817647>. Acesso em: 19 jan. 2018.

⁵ Dados disponíveis em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/52-das-instituicoes-de-educacao-basica-usam-celular-em-atividades-escolares-aponta-estudo-da-cetic.ghtml>. Acesso em: 30 dez. 2017.

⁶ Informações fornecidas pela vice-diretora do turno da manhã.

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hblql8829Ec&t=298s>. Acesso em: 13 jul. 2018.

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8Kvb9k4Vm4U&t=199s>. Acesso em: 31 dez. 2017.

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UqMCI4HJg6k>. Acesso em: 30 dez. 2017.

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YlhsMMldrrI&t=101s>. Acesso em: 30 dez. 2017.

¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fBjx-kW-uJc>. Acesso em: 30 dez. 2017.

¹² Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8fqz_dtPPtw. Acesso em: 30 dez. 2017.

¹³ Em fevereiro de 2018 uma professora, que não se identifica nominalmente, graduada em História, lançou um canal no YouTube também intitulado História em Libras, onde ministra aulas em Língua de Sinais (Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCwtNyZ8vhEPcKaVEEq8DvQA>. Acesso em: 21 mar. 2018). Apesar de os dois canais terem objetivos semelhantes, a formação das videoaulas possui características bem específicas e explora os conteúdos, as imagens e legendas de formas bem diferentes.

¹⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=hblql8829Ec&t=73s> (videoaula no canal História em Libras no YouTube) e <https://www.facebook.com/HistoriaEmLibras/videos/2090277114548182/> (videoaula na página História em Libras no Facebook).

¹⁵ Disponível em: <https://soundcloud.com/ederfm/historia-em-libras-aula-movimentos-sociais>.

¹⁶ <https://www.facebook.com/Netto Padovani>.

¹⁷ Matéria no *site*: <http://midianinja.org/news/professor-da-aulas-sobre-movimentos-sociais-e-luta-em-linguagem-de-sinais/>; matéria no Facebook: <https://www.facebook.com/MidiaNINJA/posts/1135373139954163>. Acesso em: 6 maio 2018.

¹⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/Netto Padovani/posts/1565412596891210>. Acesso em: 8 maio 2018.

¹⁹ Disponível em: <http://www.seduc.pa.gov.br/site/seduc/modal?ptg=8507>. Acesso em: 30 abr. 2018.

²⁰ Disponível em: <http://www.agenciapara.com.br/Noticia/166685/projeto-de-educacao-inclusiva-viabiliza-aulas-de-historia-via-internet>. Acesso em: 1 maio 2018.

²¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/SeducPara/photos/fpp.1410048495873567/2107344789477264/?type=3&theater>. Acesso em: 1 maio 2018.

²² Informações disponíveis em: <https://www.facebook.com/Netto Padovani/posts/1572499656182504> e <https://www.facebook.com/Netto Padovani/posts/1572090142890122>. Acesso em: 8 maio 2018.

²³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hblql8829Ec&t=347s>. Acesso em: 8 maio 2018.

²⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/Netto Padovani/posts/1562585517173918>. Acesso em: 8 maio 2018.

²⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hblql8829Ec&t=347s>. Acesso em: 8 maio 2018.

²⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/Netto Padovani/posts/1565412596891210>. Acesso em: 8 maio 2018.

²⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/patricia.costa.507464>. Acesso em: 8 maio 2018.

²⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/Netto Padovani/posts/1562585517173918>. Acesso em: 8 maio 2018.

²⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/Netto Padovani/posts/1562585517173918>. Acesso em: 8 maio 2018.

³⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/Netto Padovani/posts/1562585517173918>. Acesso em: 8 maio 2018.

Artigo recebido em 2 de dezembro de 2018. Aprovado em 29 de janeiro de 2019.